

## Religião e terrorismo



Por MARCELO BARREIRA\*

*Há grupos fundamentalistas e líderes religiosos inescrupulosos que se confundem com Deus para confundirem incautos e ameaçarem a democracia*

Diante dos ataques terroristas acontecidos na França no dia 29 de outubro de 2020, lembremos do atentado terrorista contra a produtora Porta dos Fundos nas vésperas do Natal de 2019, dia 24 de dezembro. Ao escancarar a escondida porta dos fundos, a Porta dos fundos incomoda poderosos e nos exige pensar sobre nossa concepção “moral”, avessa à diversidade das visões “minoritárias”, qualificadas assim não por causa da demografia - daí, “maiorias minorizadas” -, mas por sua pouca representatividade institucional. A tentativa autoritária de tutelar e silenciar falas divergentes e minoritárias enseja uma possível ação violenta aos ouvintes dessas falas.

Os especiais de Natal de 2013 a 2017, cada um deles eram vídeos com 15 minutos de duração. Em 2018, já na Netflix, o Especial de Natal durou 45 minutos, sempre com igual verve humorística, sendo premiado com o Emmy Internacional de melhor comédia com o filme *Se Beber, Não Ceie*. A nosso ver, esse Especial de Natal de 2018 apresentou menor potencial reflexivo do que “A Primeira Tentação de Cristo”, veiculado no ano passado. Apesar disso, em 2020, como o interesse do Porta dos Fundos é fazer piada e não polêmica - sem fugir da luta a favor da liberdade de expressão -, a Netflix não o colocou para concorrer a esse mesmo prêmio que venceram em 2019.

O humor é para rir, e rir sobretudo de hierarquias, civis ou religiosas, autorreferenciadas como “sagradas”. Afinal, o fenômeno cultural do religioso é ambíguo. Há um cristianismo fundamentalista e outro libertador e a favor da vida. Sabemos de cristãos sem hipocrisia com a sexualidade - cito o movimento Católicas pelo Direito de Decidir - e pastores evangélicos sem a obsessão pelo dinheiro dos fiéis, basta lembrarmos do pastor Henrique Vieira. Ao lado dessas pessoas e movimentos, há grupos fundamentalistas e líderes inescrupulosos que se confundem com Deus para confundirem incautos e ameaçarem a democracia.

E essa ameaça é séria! Como não se lembrar das ameaças contra cartunistas após a publicação de charges de Maomé no dia 30 de setembro de 2005. Da necessidade de explicar a religião muçulmana para crianças dinamarquesas, houve um concurso para se desenhar Maomé e a atrocidade de uns 250 mortos em ataques fundamentalistas islâmicos. Inclui-se nessa contagem os 17 mortos do ataque ao semanário Charlie Hebdo e de um supermercado judaico no dia 07 de janeiro de 2015 em Paris. Uma ameaça persistente, como mostra o relatório de março do serviço de inteligência dinamarquês, exemplificado nos dois feridos do ataque realizado em Paris no dia 25 de setembro de 2020 e nos três mortos em Nice no dia 29 de outubro.

Em tempos sombrios de neofascismo, infelizmente, não estamos distantes dessa situação. O discurso estratégico e eleitoreiro de Jair Bolsonaro contra a “cristofobia” cria um clima belicoso inexistente para uma religião tornada consciência comum de grande parte dos brasileiros. O risco é de ela deixar de ser um “fundo musical” de nossa cultura para se resgatar seu sentido muscular e antidemocrático com o “cristifascismo”. Neste sentido, o atentado sofrido pelo Porta dos Fundos nos preocupa, mas também nos motiva em nossa solidariedade a essa produtora em sua coragem por acreditar na liberdade de expressão.

\*Marcelo Barreira é professor do Departamento de Filosofia da UFES.